

ÉTICA – António Bagão Félix – 2024

1. A ética pode ser definida tanto como uma disciplina filosófica que nos ensina a distinguir entre o que é bom e mau para a pessoa e para a sociedade, ou uma ciência prática que nos guia do ponto de vista do bem e do mal na acção, na decisão e na conduta. Sócrates sumariou-a “como devemos viver, e porquê”. Aristóteles definiu-a com a pergunta “por que razão viveu a pena ter nascido?”. Kant incidia a sua abordagem deontológica “no que devo fazer na relação com o outro”. Já Pierre Reverdy dizia que “a ética é a estética de dentro”.

2. Muitas vezes utilizadas como palavras sinónimas, **ética** e **moral** não devem ser confundidas. A moral é um conjunto de princípios, normas e valores entendidos a um nível abstracto e pessoal, normalmente associados a preceitos de raiz religiosa ou espiritual. Já a ética tem que ver as práticas, hábitos e costumes aferidos a um nível concreto e relacional. Por outras palavras: na moral a distinção é entre **bem** e **mal** (por exemplo, uma situação *moralmente aceite ou inaceitável*). Na ética, a separação é entre o **bom** e o **mau** para uma dada situação (um acto *eticamente correcto ou errado*). A ética consiste no estudo das regras e dos princípios que avaliam ou determinam o certo e o errado, o bom e o mau para um contexto concreto. Por isso, o livre arbítrio da pessoa é uma condição necessária para o escrutínio ético da sua conduta.

3. A abordagem ética pode ser feita segundo vários ângulos: o da **ética normativa ou prescritiva**, orientadora do comportamento (*o dever ser*); o da **ética descritiva**, ou seja factual, objectiva e verificável (*o que é*) e o da **ética conceptual** da análise e significação dos conceitos e padrões comportamentais.

4. O conjunto do que é eticamente aceitável (o **legítimo**) é mais restrito e exigente do que é juridicamente aceitável (o **legal**). Nem tudo o que a lei permite se nos deve impor, e há coisas que a lei não impõe, mas que se nos podem e devem impor. Nenhuma lei proíbe em absoluto a mentira, a desonestidade, a deslealdade, a malvadez, o ódio, o desprezo, a vilanagem, como nenhuma norma jurídica só por si assegura valores éticos imperativos, como a decência, a verdade, a amizade, a lealdade, a solidariedade, etc.

5. Fazer as *coisas bem feitas* poderá ser uma medida de eficiência. Mas só fazer as *coisas certas* é uma medida de ética. Juntando estas duas asserções, isto é, *fazer as coisas certas de um modo certo*, chega-se à plenitude do **imperativo ético**. Para tal, buscando os *fins* na sua relação com o outro e consigo próprio. E sabendo escolher os *meios* necessários para alcançar os *fins*. Com liberdade e responsabilidade. Quase sempre em confrontação dilemática, em contextos e situações que podem implicar escolhas difíceis e custos associados a renúncias. No fim de contas, em presença das sempiterna questão ética: *pode um fim eticamente bom justificar meios eticamente maus?*

6. As teorias éticas clássicas dividem-se em dois grupos: as **consequencialistas ou teleológicas** e as **não consequencialistas ou deontológicas**. Para as primeiras - de que o utilitarismo é a expressão mais conhecida - a sua base reside na avaliação dos resultados ou consequências da acção: se são os desejáveis, úteis ou bons. Para as segundas - teorias baseadas em deveres e direitos - a sua essência é o julgamento moral dos princípios subjacentes à

motivação da pessoa que age ou decide, independentemente dos seus prováveis efeitos ou consequências.

7. Já nas chamadas **teorias contemporâneas**, destacam-se quatro: a **ética das virtudes**, de raiz aristotélica, centrada no carácter e nas particularidades da pessoa e da situação; a **ética dos cuidados**, que enfatiza a relação interpessoal em detrimento de regras mais impessoais e abstractas; a **ética discursiva ou persuasiva**, desenvolvida por Jürgen Habermas, que aspira a resolver conflitos éticos através de um processo de geração de normas por via da reflexão racional sobre a experiência de todos os participantes relevantes; e a chamada **ética pós-moderna**, que coloca a ética para lá da esfera de racionalidade, e apela à inteligência emocional acerca do que é certo ou errado numa decisão ou acção.

BIBLIOGRAFIA:

- Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, ed. Quetzal 2004
- Immanuel Kant, *Leçons d'éthique*, Ed. Classiques de poche 1997
- André Comte-Sponville, *Petit traité des grandes vertus*, ed. PUF, 2020
- Maria do Céu Patrão Neves (coord.), *Ética : dos fundamentos à prática*, ed. 70, 2017
- José Manuel Santos, *Introdução à ética*, ed. Documenta, 2012
- António Bagão Félix, Paulo Otero, Pedro Afonso, Victor Gil (coord.), *Temas de Ética - reflexões e desafios*, ed. Principia, 2022